

## SIMÃO MATHIAS (1908-1991)

Ficará para sempre associada a imagem do Professor Simão Mathias – que há pouco nos deixou – àquela da História da Ciência em nosso país. Pensador e cientista, Simão Mathias enxergava na História da Ciência a possibilidade de melhor interligar essas atividades. Por isso, a área permaneceu em seu horizonte, tomando seu precioso tempo como químico de prestígio e organizador da ciência. Por isso, conseguiu dedicar a essa mesma área uma energia juvenil, quando já seu nome e sua idade poderiam ter lhe garantido, sem mais encargos, a posição de sábio respeitado.

Primeiramente, Simão Mathias atribua à História da Ciência uma força capaz de despertar e manter o entusiasmo dos jovens para com a ciência. Seu próprio exemplo seguira esse padrão. Obras como a de Faraday passaram por suas curiosas mãos de adolescente. Muitas vezes Mathias comentou que seu impulso de voltar a estudar ciências na então recém fundada Universidade de São Paulo (quando na época era um dentista profissional), foi ainda a vontade de melhor compreender o trabalho desses inspiradores da sua adolescência. H. Rheinboldt, professor e guia no longo caminhar pela Química, que, a partir daquele momento, era empreendido por Mathias, foi também um amante da História e Filosofia da Ciência.

Em segundo lugar, para Simão Mathias, a História da Ciência era o modelo mais bem acabado do que deveria ser a interdisciplinaridade. Para aqueles que conheceram de perto mestre Mathias, não é difícil recordar que grande parte de suas ações e seus pensamentos refletiram uma espécie de devoção à interdisciplinaridade. Conhecendo em profundidade os clássicos da literatura, da música e da pintura; ativo em grupos que discutiam questões de estética e lingüística, foi notório o papel deste verdadeiro *scholar* na introdução das chamadas humanidades na SBPC. Também na educação, Simão Mathias solicitava uma visão integradora. Em seu pronunciamento à Comissão de Reestruturação da Universidade de São Paulo em 1967, Simão Mathias defende a existência de uma “instituição integrada [...] [e, para tal] é indis-

pensável que os currículos tenham a maior flexibilidade possível, dentro de normas didáticas racionais [...] [o que] não só permitirá a formação de profissionais [...] diversificados segundo as inclinações de cada um, como também abre possibilidades para a futura formação de profissionais diferentes em campos imprevisíveis do conhecimento humano”, e continua colocando soluções para evitar a compartimentalização estanque da universidade.

Para o Dr. Mathias, aprender a ver uma área de conhecimento desde outras perspectivas e áreas podia não somente nos oferecer uma visão mais clara da área em tela, mas, principalmente, fornecer novos e originais *insights* desta.

Em terceiro lugar, Simão Mathias foi, ele próprio, personagem da História da Ciência. Primeiro doutor em ciências inteiramente formado em território nacional com a tese “Sobre mercaptanas bivalentes e sulfetodimercaptanas” (um estudo sobre alguns compostos orgânicos do enxofre), Mathias receberá seu significativo título em cerimônia promovida pela USP no Teatro Municipal de São Paulo em 1942. Como *fellow* da Fundação Rockefeller, e depois da Guggenheim, trabalhou em diversos laboratórios de pesquisa química em universidades americanas entre os anos 40 e 50. Nesse período, destaca-se, sobretudo, sua colaboração com o renomado cientista Kasimir Fajans – conhecido desde 1913 por suas pesquisas sobre as séries radioativas. Mathias será membro da equipe, coordenada por Fajans, que elaborou a teoria quântica, onde um novo modelo para ligações atômicas era apresentado. Essa teoria, muito embora não tenha perdurado, chegou a despertar grande interesse na comunidade científica internacional. Não por acaso, era o nome do Prof. Mathias um dos mais lembrados para representar o Brasil junto a grandes associações de cientistas, tais como a União Internacional de Química Pura e Aplicada, ou o movimento Pugwash.

Em nosso país também foram notáveis as realizações de Simão Mathias. Já desde 1945, época de seu primeiro retorno dos Estados Unidos, Mathias seria encarregado de estabelecer a área de físico-química no então Departamento de Química da USP. Com grande perícia e

Revista da SBHC, n. 6, p. 67-68, 1991

muito sacrifício (não existiam os órgãos financiadores), Mathias irá montar o primeiro laboratório brasileiro de físico-química. Algumas doações da Fundação Rockefeller, muita engenhosidade e paciência para treinar de instrumentistas a pesquisadores, será tudo de que Mathias disporá para conseguir criar um laboratório elogiado mesmo pelos químicos estrangeiros que por aqui passaram. De lá saíram rigorosas medidas (até hoje aceitas) do momento dipolar de compostos orgânicos do enxofre. A determinação do momento dipolar de substâncias químicas (principalmente orgânicas) era algo extensamente trabalhado desde finais dos anos 20. Mas, como nos lembra Mathias em sua tese de cátedra "Contribuição ao Estudo da Polarização Dielétrica de Mercaptanas" (1956), poucos haviam se dedicado aos compostos orgânicos do enxofre.

A partir dos anos 60, será como organizador da ciência que Simão Mathias passará a fazer história. Falecidos o Prof. Rheinboldt e em poucos anos seu substituto, o Prof. Hauptmann, Mathias será o novo diretor do departamento. O momento era de mudança em 'forma' e 'conteúdo' para essa instituição, e o novo diretor, peça fundamental nessas transformações. Do novo prédio na Cidade Universitária – que o Dr. Mathias acompanhou passo a passo – à unificação dos vários setores de química até então espalhados pela universidade – e já sabemos as idéias de Mathias sobre a integração do saber – a Química da USP terá para sempre a marca impressa desse grande homem. Foram quase dez anos de trabalhos incansáveis, de contatos internacionais, de busca por financiamentos, de incentivo a novas áreas, ao fim dos quais o departamento estava pronto para se tornar o instituto que hoje conhecemos. Ainda que Mathias não fosse o diretor desse novo instituto, sua contribuição para tal obra será sempre reconhecida.

Essa longa experiência foi por ele utilizada na reorganização da SBPC<sup>1</sup>. E podemos dizer o mesmo da Sociedade Brasileira de História da Ciência, para lembrar algumas das instituições relacionadas à ciência a que Mathias emprestaria seu prestígio e sua força realizadora.

1. É sabido o esforço feito por ele para manter este e outros 'territórios' livres num dos períodos mais difíceis de nossa história, mas isso são tópicos para uma história da política mais do que da ciência.

Enfim, sendo inspirado pela História da Ciência, assimilando-lhe o modelo, ou como personagem desta, o querido e amável mestre não pode ser desassociado desta. Seu desaparecimento de nosso meio é uma ocasião para refletir sobre o exemplo por ele deixado a nós que trabalhamos nessa área. E talvez a melhor forma de guardarmos sua preciosa memória, e seus sonhos.

Ana M. Alfonso-Goldfarb  
PUC – São Paulo

## RESENHAS

William R. Shea, *The Magic of Numbers and Motion. The Scientific career of René Descartes*. Canton (MA): Science History Publications, 1991, 371 p.

Pensador, marco da então 'nova ciência', cabeça do movimento 'mecanicista', René Descartes foi uma das figuras mais estudadas pela modernidade. Sua presença obrigatória nos trabalhos em História da Filosofia não o foi menos naqueles dedicados à chamada Revolução Científica.

A elaboração de uma pesquisa séria sobre uma obra como a cartesiana requereria, portanto, muito fôlego para cobrir a plethora de comentários já feitos sobre o tema. Assim como solicitaria uma enorme habilidade e competência na arte de tirar novas fulgurações em pedra preciosa tão dilapidada. A vocação para desafios desse porte parece algo natural em W. R. Shea. Tornada evidente em seus estudos sobre Galileo (dos quais veja-se principalmente *Galileo's Intellectual Revolution*. New York: Science History, 1977), essa vocação é reafirmada por seu recente trabalho sobre Descartes em *The Magic of Numbers and Motion*. É justamente Descartes que, como foi dito a princípio, atraiu a si o olhar mais agudo não só de epistemólogos e historiadores da ciência – como foi o caso de Galileo – mas também o dos historiadores da filosofia.

Todavia, não será na controvérsia das teses já levantadas sobre Descartes, nem será na apresentação de algum material inédito, onde W. Shea irá buscar elementos para deitar nova luz sobre a obra cartesiana. Mas, exatamente ao contrário, por praticar uma releitura atenta no material já existente de e sobre Descartes é que